OS APARATOS TECNOLÓGICOS E OS JOVENS: VISUALIDADES CONTEMPORÂNEAS

Rosana Fachel de Medeiros / PPGE – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO
A sociedade está imersa em tecnologias. Essa realidade é mais intensa entre os jovens, assim, cabe ao professor competir com elas pela atenção dos alunos. Alguns professores incluem as tecnologias nas aulas, mas isso ainda é muito incipiente. Como a escola lida com as novas subjetividades? Com quais imagens os alunos interagem? Para pensar na relação – professores, tecnologias e alunos – apropriei-me dos textos de Sibilia; sobre os jovens e a visualidade utilizo os escritos de Campos e trago o conceito de “nativos digitais”, cunhado por Prensky. Nessa época de saturação de imagens e informações, os educadores devem proporcionar aos alunos o debate sobre o papel das tecnologias e imagens na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE
novas tecnologias; visualidades; juventude.

RESUMEN
La sociedad está inmersa en la tecnología. Esta realidad es más intensa entre los jóvenes, así, corresponde al maestro competir con ellas por la atención de los estudiantes. Algunos maestros ya incluyen la tecnología en las clases, pero eso es todavía muy incipiente. ¿Cómo las escuelas articulan las nuevas subjetividades? Con que imágenes los estudiantes interactúan? Para pensar la relación – profesores, estudiantes y tecnología – me apropié de los textos de Sibilia; sobre los jóvenes y la visualidad utilizé los escritos de Campos y, también, el concepto de "nativos digitales", acuñado por Prensky. En esta era de saturación de imágenes e información, los profesores deben proporcionar a los estudiantes el debate sobre el papel de la tecnología y de las imágenes en la contemporaneidad.

PALABRAS CLAVE
nuevas tecnologías; visualidades; juventud.

A sociedade contemporânea está completamente imersa nas novas tecnologias da comunicação. Atualmente, basta um clique para escutarmos nossa música preferida, para imortalizarmos um momento com uma fotografia ou com um vídeo, bem como para, instantaneamente, nos atualizarmos sobre os mais variados assuntos de qualquer lugar do mundo.

Em nosso tempo, estamos constantemente conectados à internet através de computadores, de *tablets* e de celulares. E, no caso desses últimos, constantemente ligados e ao alcance das mãos, não apenas pela possibilidade de realizarmos chamadas telefônicas a qualquer momento e em qualquer lugar, mas, principalmente, pelo desejo de uma onipresença virtual e de uma onisciência informacional. Além disso, o registro das imagens, através de fotografias e vídeos, está cada vez mais comum e mais presente, tornando-se, além de algo muito fácil, algo imperativo.

Não basta apenas ver, precisamos ver através do visor, precisamos da visão mediada pelo aparato que a legitima. Seja qual for a situação, vivemos a angústia não apenas de registrar esses momentos, mas de compartilhá-los através das redes sociais como se isso fosse fundamental para validar a experiência vivida. Pois, conforme pontua Susan Sontag (1981, p. 14–15), a respeito da veracidade proporcionada pelas fotografias: “As fotografias fornecem provas. Qualquer coisa de que se ouve falar, mas de que se duvida, parece ficar provado graças a uma fotografia”. Sobre a competência da fotografia em registrar os acontecimentos da vida cotidiana e imortalizá-los em imagens Paula Sibilia (2008, p.33) afirma que: “Com a facilidade que esse dispositivo oferece na captação mimética do instante, a câmera permite documentar a própria vida: registrar a vida sendo vivida e a experiência de ‘se ver vivendo.’” Assim, além de registrar e, de certa forma, validar os acontecimentos a fotografia permite revê-los infinitamente. Algo que os jovens fazem com destreza.

Os jovens e as novas tecnologias

De acordo com Sibilia (2012), os alunos se relacionam e interagem com eles mesmos, com os outros e com o mundo de uma maneira diferenciada a partir da

incursão das tecnologias. Com seus aparelhos celulares, eles conseguem mandar mensagens instantâneas pelo *watsApp* e, ao mesmo tempo, ver as atualizações de seus amigos nas redes sociais e escutar música com os fones de ouvido enquanto conversam com seus colegas. Roxana Morduchowics (2008) refere-se aos jovens do início do século XXI como "la generación multimedia" não somente pela grande oferta tecnologia com a qual convivem diariamente, mas, sobretudo, pela forma simultânea que interagem com ela. Nessa mesma direção, Néstor Canclini (2008) discute a maneira como os jovens constroem conhecimento a partir da interação com as mídias digitais. Para o autor, as telas virtuais propiciam uma formação mais ampla onde conhecimento e entretenimento combinam-se. Já Massivo Canevacci (2009, p.14) fala sobre a mudança no comportamento das pessoas a partir da cultura digital. Para ele, na contemporaneidade "a relação entre olho, tela, mão, mouse, cérebro, corpo, é muito mais interativa do que se poderia imaginar".

Os alunos de hoje cresceram com todas as tecnologias ao alcance das mãos e despendem muitos momentos de seu dia na interação com seus celulares, principalmente, tirando fotografias. Segundo o fotógrafo Pedro Meyer, pioneiro da fotografia digital, "Hoy todos somos fotográfos pero con una cultura visual escasa" (2014)[1]. Meyer fala da necessidade de que sejam produzidas e consumidas imagens de forma mais consciente e crítica. Em entrevista concedida para revista *Magis* em julho de 2014 ele afirma que:

> [...] la fotografía tiene un lugar central en la cultura contemporánea, y por esa razón debemos enseñar a leer imágenes. Cuando Gutenberg imprimió los primeros libros había muy poca gente capaz de leerlos, pero con el tiempo se creó una dinámica natural. Hoy todos somos fotógrafos, pero con una cultura visual escasa.

Meyer, ainda, chama atenção para o fato de que na atualidade todas as gerações, milhões de pessoas, produzem fotografias do cotidiano, de suas viagens, de seus animais de estimações, da família, dos amigos, e as compartilham com outras pessoas. Com a onipresença da câmera fotográfica surgem mais e mais pessoas visualmente analfabetas. Nas palavras de Meyer (2010):

> Ser visualmente analfabeta equivaldría a no saber leer ni escribir. Sin embargo, como las cámaras son cada vez más onmipresentes y el precio del instrumento ha bajado considerablemente y el costo de tomar una fotografía es de casi cero, el número de fotografías que se toman ha aumentado exponencialmente. En otras palabras, más y más personas visualmente analfabetas están haciendo fotografías porque pueden, no porque hayan adquirido una vasta cultura visual antes de hacer sus fotografías.[2]

Com a facilidade proporcionada pelas câmeras digitais – tanto para a realização de fotos quanto para compartilhá-las – proliferam o número de fotos e, em contrapartida, poucos tem o interesse em realizá-las com qualidade estética. De acordo com Meyer a fotografia tornou-se tão comum que transformou-se em um produto, o tem ocasionado o fim da sua aura de sofisticação, e do mérito de ser vista como uma forma de arte.

Diferentemente da constatação apontada pelo fotógrafo, Diego Basile e Joaquín Linne (2014), professores na Universidade da Argentina perceberam nas fotografias publicadas pelos adolescentes argentinos na rede social *Facebook*, ao logo do ano 2013, múltiplos significados. Ao analisarem as fotos dos estudantes portenhos encontraram nelas a preocupação estética dos estudantes a partir da qualidade das fotografias e do cuidado com ângulos e com os objetos na cena, como também, observaram que muitas fotos tinham como objetivo seduzir, receber elogios e ser popular. Além disso, os pesquisadores notaram que as fotos tinham valor afetivo e serviam como recordação de uma experiência vivida. Frente a propagação dos aparatos tecnológicos e, consequente, da visualidade, como a escola está lidando com as novas tecnologias e com os alunos desse tempo?

A docência e as novas tecnologias

A escola deve acompanhar as mudanças sociais advindas das tecnologias digitais que além de remodelarem as relações interpessoais e sociais estão também recriando a nossa maneira de ver e de entender o mundo. Vivemos em uma nova temporalidade instaurada pela velocidade quase instantânea da informação e das imagens. Em contrapartida, há uma saturação de informações e de imagens, dentre as quais precisamos decidir, em um milésimo de segundo, se merecem ou não nossa atenção. Cabe ao professor não apenas “inserir” as novas tecnologias na sala

de aula e nas atividades educativas como um artefato de modernização tecnológica, mas, principalmente, incitar no aluno ao pensamento crítico sobre essas tecnologias e sobre seus usos. Em nossa atual época de saturação de imagens e informações, devemos discutir qual é o papel dos aparatos tecnológicos na contemporaneidade.

Essa tem sido uma de minhas preocupações enquanto docente. Em sala de aula, instigo os alunos a pensarem criticamente sobre a incursão das novas tecnologias em suas vidas e busco aproveitar esses aparatos nas atividades pedagógicas. Nesse sentido, incluí a reflexão sobre o fazer fotográfico em minhas aulas, investigando com os alunos todos os recursos e programas oferecidos por seus celulares, e os instiguei a pensarem sobre a autoria fotográfica, tomando como exemplo a obra do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado. E no desdobramento das atividades, seguindo o fluxo tecnológico, chegamos à realização de um curta-metragem.

Mas, de maneira geral, pensando na rapidez da imersão tecnológica e no fluxo gigantesco de imagens com as quais os alunos convivem na atualidade, essas ações ainda são incipientes e estão restritas às disciplinas mais maleáveis como a de Artes. Pois poucos são os professores que efetivamente agregam as novas tecnologias às aulas. E igualmente são raros os educadores que procuram entender a forma que os alunos interagem com as novas tecnologias e com a visualidade que os cercam.

Os celulares invadem a sala de aula

Esse texto visa pensar os aparatos tecnológicos, especialmente, o celular, como uma ferramenta que deve ser inserida na escola para auxiliar na construção de novos conhecimentos para os alunos e professores. Tendo em vista que o uso desses aparelhos, para realização de registros fotográficos e para o acesso às redes sociais, está muito presente na rotina dos alunos. A utilização do celular é proibida nas escolas, no entanto, isso não impede que os alunos burlem essa regra e, durante as aulas, mandem mensagens, tirem fotos e assistam a vídeos, fugindo do olhar do professor. A discussão referente ao uso dos celulares na escola é contemporânea e controversa. A maioria dos professores vê o celular como vilão e

exige que o aparelho permaneça desligado durante as aulas. Ainda são poucos os professores que defendem o uso do aparelho nas aulas e que percebem que todos os suportes tecnológicos podem ser úteis para o aprendizado. Mas muitos têm a consciência de que essa é uma questão que precisa ser discutida. O artigo *Siete razones por la que se debe encender el móvil en clase*[3], publicado na versão digital do jornal *El Pais*, articula algumas questões importantes a esse respeito, destacando a relevância da integração entre o uso do celular e a escola. O texto inicia com uma afirmativa provocativa: "Encended los teléfonos movíles", seguida da explicação de que o dia em que essa for a primeira frase dita pelo professor ao entrar em uma sala de aula, ao invés de mandar desliga-los, a mudança será real.

Mesmo achando a reportagem pretensiosa, pois quem está em sala de aula sabe que permitir ou não que os alunos mantenham os celulares ligados durante as aulas não é cerne da questão. O que é efetivamente relevante pensar diz respeito ao uso que os estudantes poderão fazer de seus aparelhos celulares dentro do espaço escolar com o consentimento dos professores. Acredito que a utilização dos celulares pelos alunos durante as aulas pode torná-las mais atrativas e, consequentemente, poderá possibilitar a construção de novos conhecimentos. Isso torna-se possível quando, mediados pelo professor, os alunos podem aprender a realizar pesquisas científicas, para além do recorta e cola e da enciclopédia livre (*Wikipédia*), como também, podem utilizar o aparelho para registro e edição de imagens e vídeos, entre outras infinitas possibilidades. Dessa forma, talvez, outros sites possam competir com as redes sociais pela atenção dos alunos.

Já os professores, a partir dos arquivos musicais mais acessados pelos jovens, como também, pelas imagens que eles armazenam em seus celulares, terão subsídios para entenderem melhor os adolescentes que habitam e superlotam as salas de aula na contemporaneidade. Em sua tese de doutorado Juliana Vargas (2015) analisou as músicas que algumas alunas residentes e estudantes da periferia de Porto Alegre-RS tinham nos cartões de memória de seus celulares. De acordo com a pesquisadora é possível pensar nos registros imagéticos e musicais como modos através dos quais os alunos se constituem e são subjetivados em suas existências. Como o foco de Vargas foram as músicas eu fiquei instigada em

conhecer e analisar quais imagens os alunos da periferia de Canoas têm armazenadas nos seus celulares.

Com quais imagens os alunos do Ensino Fundamental interagem diariamente?

Segundo Ricardo Campos (2012), a sociedade contemporânea mostra-se, cada dia mais, imersa na imagem e na visualidade. As tecnologias visuais foram adquirindo crescente importância ao longo dos últimos anos. A nossa condição atual resulta de um processo histórico longo que tende a afirmar a supremacia da visão e das suas extensões tecnológicas na forma como interpretamos e retratamos a realidade. Recentemente, as tecnologias digitais, afirmam-se como protagonistas inquestionáveis de novas dinâmicas sociais e culturais que marcam decisivamente a visualidade contemporânea. O uso crescente das novas tecnologias digitais tem incentivado a produção individual de imagens em uma escala gigantesca. Estas ferramentas facilitam a exploração visual do mundo, através da captação e manipulação de imagens, sendo que o fato de terem se tornado cada vez mais acessíveis, em termos de disponibilidade e de preço, favorece significamente a sua propagação.

De acordo com o autor, a imagem é central na afirmação das culturas juvenis, e serve como campo expressivo crucial para a distinção entre grupos. Através da imagem individual e de grupo, os jovens transmitem-nos algo sobre as suas filiações identitárias, sobre os seus gostos, práticas e valores.

Tal como Campos entendo a relação dos jovens estudantes com os aparatos tecnológicos e com a visualidade como fundamentais para o entendimento da juventude contemporânea, assim, no curso de Doutorando busco entender a forma que os jovens relacionam-se entre si, com seus pares e com o mundo que os cerca a partir dos aparatos tecnológicos. E, mais especificamente, pretendo analisar a maneira como os estudantes interagem com a visualidade, usarei como delimitação para a infinidade de informações visuais que eles consomem, produzem e compartilham diariamente, as imagens que os adolescentes têm salvas em seus aparelhos celulares. Nesse momento torna-se fundamental pensar: Que tipo de fotos os alunos têm na memória de seus celulares? Quais dessas imagens eles elegem

para compartilhar nas redes sociais? Há diferenças entre os gêneros nas imagens salvas pelos jovens? Quais momentos eles elegem fotografar?

Para realizar esse estudo escolhi 4 alunos, duas meninas e dois meninos estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental na escola onde leciono o município de Canoas-RS. Com a periodicidade de quatro meses irei analisar as imagens que esses alunos têm salvas em seus celulares. Antes da primeira coleta de dados pedi licença a alguns alunos para olhar as imagens salvas em seus aparelhos móveis. Nesse momento foi imprescindível fazer um primeiro recorte e optei por analisar somente as fotos salvas pelos alunos. Essa escolha tornou-se necessária quando me deparei com diversificados tipos de imagens salvas da internet o que ampliaria significamente os objetos de análise.

Em março desse ano escolhi duas meninas, Estela[4] e Camila, e dois meninos, Rodrigo e Marcus, e realizei a primeira coleta de dados. Então, para análise nesse texto utilizarei, principalmente, a primeira coleta de dados já que ainda não finalizei a segunda coleta de imagens com todos os alunos.

Estela tinha, nesse período, 11 fotos salvas na memória de seu aparelho. Todas eram selfies. Sendo 6 delas da Estela sozinha e 5 dessas fotos dela com suas amigas. Até a finalização da escrita desse texto consegui fazer a segunda coleta de imagens somente com a Estela. Em maio desse ano a aluna tinha 175 fotos salvas. Fotos das férias, fotos com parentes, fotos com amigos e, em sua maioria, fotos da aluna sozinha. Do total das fotos salvas 140 eram selfies 46 eram selfies da Estela acompanhada de outras pessoas e 94 era selfies da adolescente sozinha.

Camila no início do ano letivo tinha 75 fotos salvas na memória de seu aparelho. Dessas fotos 29 eram da aluna sozinha, 32 da aluna acompanhada de alguma amiga ou parente e 14 delas eram fotos em família ou passeios.

Já no celular de Rodrigo, em março desse ano, tinham 25 fotos. Dessas 19 eram selfies do aluno sozinho e 2 eram selfies do aluno com seu animal de estimação. No aparelho móvel de Marcus, tirando as imagens salvas da internet, de seus ídolos, de

carros importados, por exemplo, restou somente uma selfie do estudante em frente ao espelho.

Nessa primeira análise das fotos chama atenção a quantidades de *selfies* presentes na memória dos celulares dos alunos. As *selfies*[5] são autorretratos digitais que, em sua maioria, são realizados para posteriormente serem publicados nas páginas pessoais na internet de seus autores. Na década de oitenta, Roland Barthes (1984, p. 22) escreveu sobre o ato de ser fotografado como se previsse o que se tornaria uma febre a partir dos autorretratos instantâneos popularizados com o advento das câmeras digitais e massificados com o aperfeiçoamento constantes das câmeras fotográficas dos celulares: "Ora, a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a 'posar', fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem".

Já no início do século XXI, antes da popularização da nomenclatura *selfie,* Sibilia (2008) apresenta um panorama crítico da exposição da autoimagem no mundo virtual especialmente a partir dos blogs. Na atualidade os blogs dividem a atenção dos jovens com outros sites na internet, principalmente com as redes sociais como o *Facebook*[6] onde eles, assim como nos blogs estudados por Sibilia, também compartilham as suas intimidades com pensamentos e, principalmente, fotos. A autora compara as páginas pessoais na internet com os antigos diários íntimos e afirma que ambos referenciam a intimidade de seus autores. No primeiro as confissões e segredos de uma vida eram guardados a sete chaves sob a proteção de lindas capas duras, já nas páginas pessoais na web as opiniões, interesses e cotidiano dos internautas são expostos para quem tiver interesse em ver. De acordo com Sibilia, a partir da popularização das páginas pessoais on-line (2008, p. 27):

> Gerou-se, assim, um verdadeiro festival de vidas privadas, que se oferecem despudoramente aos olhares do mundo inteiro. As confissões diárias de *você, eu* e todos *nós* estão aí, em palavras e imagens, à disposição de quem quiser bisbilhotá-las; basta um clique no mouse.

Essa hiperexposição nas redes sociais se dá, principalmente, a partir das fotos publicadas pelos usuários em suas páginas pessoais. Em pesquisa realizada com os jovens argentinos na cidade de Buenos Aires, a qual já fiz referência nesse texto,

Diego Basile e Joaquín Linne (2014) constataram que nos perfis desses jovens no site de relacionamento *Facebook* as fotos mais recorrentes eram aquelas de si mesmos e as que os mostravam com seus grupos.

Nos últimos anos, a publicação das *selfies* aumentou incomensuravelmente, fazendo com que os autorretratos digitais se transformassem em uma mania mundial inclusive entre celebridades. Na cerimônia do Oscar 2014, a *selfie* tirada pela apresentadora Ellen DeGeneres, durante a premiação, bateu recorde de compartilhamento na internet, sendo replicada mais de 1,2 milhão de vezes em menos de uma hora no *twitter.*[7]

No atual momento de "espetacularização do eu" (SIBILIA, 2008), basta que o visor da câmera seja colocado em nossa direção para que fiquemos imóveis, congelemos um sorrindo e torçamos para que o ângulo escolhido nos favoreça, ou, então, repetiremos este mesmo ato até que o registro fique de acordo com nossa expectativa. De outra forma, a foto será excluída sem qualquer arrependimento para dar espaço a novas tentativas. Uma relação completamente diferente daquela que se tinha com as fotografias realizadas pelas câmeras analógicas, nas quais, além da ansiedade de esperar até o filme ser revelado e se surpreender com o resultado, a revelação com o negativo e a concretude da foto davam a ela outro valor e *status*, algo que ainda é muito valorizado e preservado por fotógrafos profissionais e por amantes da fotografia. Hoje em dia, as câmeras digitais permitem que muitas fotos sejam realizadas em poucos segundos para que algumas delas sejam eleitas para serem publicadas nas redes sociais. Em relação ao compartilhamento dessas fotos Joan Fontcuberta (2010, p.121) pontua que:

> [...] tomarse y compartir fotos forma parte de los juegos de seducción y de los rituales de las tribus más jóvenes: cuantas más fotos, más *glamour*, más diversión, más vida... Los reflectrogramas son una forma de afirmar el sentimiento de pertenencia a una comunidad. Más que eso: la foto deviene un material para crear comunidad.

Na busca de pertencimento a determinado grupo os jovens registram e socializam seus sentimentos com fotos. Praticamente todas as suas ações cotidianas são publicadas em seus perfis virtuais. De acordo com Daniel Navarro (2013):

> La necesidad de mostrarse, puede ser considerada una forma de existir socialmente, la gente muestra lo que quiere mostrar, en general adquisiciones, viajes, situaciones felices. Es una moda social que tiene que ver con la idea de lo que está en los medios es lo que existe, como una forma de auto-afirmar la existencia.[8]

As tecnologias digitais estão mudando a maneira como os acontecimentos atuais se tornam memória. Segundo Andrew Hoskins (2014), manter-se conectado à internet em todos os momentos é parte integrante da experiência de estar em qualquer lugar e instaurou uma espécie de compulsão pela conectividade. Isso, conforme o autor, ajudaria a explicar, por exemplo, a discussão levantada pelas *selfies* tiradas durante o funeral do presidenciável brasileiro Eduardo Campos.[9]

As ferramentas digitais estão a cada dia mais presentes na vida dos jovens estudantes, dessa forma, torna-se imprescindível que os professores pensem e se questionem sobre a forma como a escola está lidando com essa realidade. Será que os profissionais da educação procuram entender a maneira como os jovens contemporâneos se relacionam entre si e com o mundo ao prepararem as suas aulas? Ao comparar os jovens de hoje com a escola que eles frequentam, assim como apontou Sibilia (2012, p. 51), podemos notar que:

> [...] adolescentes, que nasceram ou cresceram no novo ambiente, têm de se submeter todos os dias ao contato mais ou menos violento com os envelhecidos rigores escolares [...] e que [...] continua [continuam] a funcionar com o instrumental analógico do giz e do quadro-negro, dos regulamentos e boletins, dos horários fixos e das carteiras alinhadas.

Na escola são oportunizados momentos de leitura e escrita em um tempo linear e ascende, cada momento depende de uma etapa anterior para ter sentido. Já nos meios interativos, uma imagem substitui a seguinte sem requerer um antecessor, exigindo outras disposições corporais e subjetivas, o que mantém o usuário nessa vivência não é a produção de sentindo a partir do que observa, e sim, a própria aceleração das informações (SIBILIA, 2012).

De acordo com a autora (2012), na contemporaneidade estamos convivendo com a crise da escola. Se levarmos em consideração os modos como as novas tecnologias de comunicação – sobretudo, os dispositivos móveis com acesso à internet – estão afetando o funcionamento dessa instituição. É fundamental que pensemos sobre as

influências que o contato com tais aparelhos provocam nas subjetividades e nos corpos contemporâneos. Além disso, é importante detectar e problematizar a crescente incompatibilidade desses modos de ser atuais com as instalações, regulamentos e tecnologias escolares.

Como a escola está lidando com os "nativos digitais" (MARC PRENSKY, 2001), crianças e jovens que estão acostumados a obter informações de forma rápida na *Web* antes de procurarem em livros ou na mídia impressa? Com as novas tecnologias ao alcance das mãos como manter os jovens interessados aos conteúdos escolares? De que forma é possível tornar a escola atrativa em tempos de dispersão? Com quais imagens os alunos interagem na atualidade? Atualmente, as paredes que delimitam o tempo e o espaço escolar não são interessantes para os alunos (SIBILIA, 2012). A palavra do professor, o quadro negro e o giz tornaram-se ferramentas obsoletas.

Como mencionei anteriormente, nos últimos anos tirar e publicar *selfies* tornou-se um hábito, inclusive para os alunos da periferia de Canoas-RS. A popularização desse tipo de foto fica evidente em uma pequena pesquisa na versão brasileira do buscador e diretório *Google* matérias do tipo: "Personagens da Disney tiram selfies", "15 dicas fantásticas para tirar selfies de si mesmo", além disso, me deparei com um vídeo de três minutos que um jovem realizou somente com selfies que tirou de si próprio ao longo de 16 anos "Jovem faz vídeo somente com selfies tiradas durantes 16 anos todos os dias". Eu poderia citar muitas outras matérias que colocam em discussão os autorretratos digitais, mas essa não é a intenção desse texto. Escolhi fazer referência a esses sites para chamar a atenção para a contemporaneidade do tema e para as variados questionamentos que a espetacularização da própria imagem podem proporcionar.

Por que os jovens colecionam fotos com a própria imagem? As imagens salvas em seus aparelhos celulares podem ser pensadas como coleções contemporâneas? Essas imagens nos permitem pensar sobre as suas identidades? Seus autorretratos digitais possibilitam o entendimento do universo dos jovens na contemporaneidade?

De vilão a herói: o celular como ferramenta para entender o aluno contemporâneo

Muitos professores desaprovam a utilização do celular e afirmam que ele é responsável pela desatenção e desinteresse dos alunos nas aulas. No entanto, importantes estudiosos da contemporaneidade como Canclini (2008) e Canevacci (2009) reconhecem as potencialidades positivas dessa tecnologia.

Os professores que levam em consideração a realidade dos alunos e a forma como eles se relacionam não podem excluir o celular nem a discussão sobre os aparatos tecnológicos de sua sala de aula. E, ainda, devem pensar em estratégias para utilizá-los como mais um recurso para o aprendizado. O foco não está apenas em como usar corretamente a tecnologia na escola, mas como tirar proveito dela para melhorar a qualidade da educação.

Enfim, esse texto teve como interesse pensar a relação dos jovens com os aparatos tecnológicos. Em especial, procurei colocar em discussão como, a partir dessas novas tecnologias, os jovens de hoje relacionam-se com a visualidade. Nesses primeiros passos da pesquisa com os alunos ficou evidente a importância que os aparatos móveis, em especial os celulares, têm em suas vidas. Foi possível comprovar, ainda, que os jovens utilizam muito a câmera fotográfica de seus celulares para registrar passeios, viagens, encontros e para, principalmente, para registrar a si próprios em diferentes momentos do cotidiano. Prestar atenção a maneira como os jovens interagem entre si e com os outros a partir do advento das novas tecnologias pode permitir aos educadores entender a juventude contemporânea. Além disso, conhecer as fotos que os alunos carregam consigo, além de aproximar o estudante do professor/pesquisador possibilita entender o hibridismo que constitui a identidade do estudante do século XXI.

Notas

[1] Entrevista disponível na versão on-line da revista *Magis* no endereço: http://www.magis.iteso.mx/content/hoy-todos-somos-fot%C3%B3grafos-pero-con-una-cultura-visual-escasa%E2%80%9D-pedro-meyer. Acessado em 19 maio 2015.

[2] Informações disponíveis no site: http://v2.zonezero.com/index.php?option=com_content&view=article&id=1234%3Aare-too-many-people-taking-photographs&catid=1%3Apedro-meyers-editorial&lang=es Acessado em 25 maio 2015

[3] Disponível no site: http://tecnologia.elpais.com/tecnologia/2015/02/20/actualidad/1424453286_004100.html Acessado em 19 fev 2015.

[4] Nomes fictícios para preservar a identidade dos alunos.

[5] Em 2013, o termo ganhou um registro na versão eletrônica do dicionário Oxford, que ainda o consagrou com o título de "palavra do ano". A decisão aconteceu depois que foi detectado um aumento de mais de 17.000% no uso da palavra "selfie" entre 2012 e 2013. De acordo com Oxford, uma selfie é uma fotografia tirada por uma pessoa e que tem como objeto ela mesma. Capturada com smartphones ou webcams. Informações capturadas http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/palavra-do-ano-selfie-se-consolida-como-mania-na-internet Acessado em 01 set 2014.

[6] Já em 2012 atingiu a marca de 1 milhão de usuários ativos mensalmente. O Brasil está entre os cinco países com mais usuários. Informações encontradas no site: http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/10/facebook-atinge-1-bilhao-de-usuarios-ativos-mensais.html Acessado em 17 maio 2015.

[7] Informações encontradas no site: http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/selfie-de-ellen-degeneres-e-atores-no-oscar-bate-recorde-no-twitter Acessado em 29 jan 2015.

[8] Informações encontradas no site: http://holadoctor.com/es/trastornos-mentales-y-de-comportamiento/psicolog%C3%ADa-qu%C3%A9-hay-detr%C3%A1s-de-las-fotos-autosacadas-de-las-redes-sociales Acessado em 11 fev 2015.

[9] Site pesquisado: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/08/140818_andrew_hoskins_selfie_cc Acessado em 10 fev 2015.

Referências

BARTHES, Roland. *A câmara clara:* nota sobre a fotografia**.** Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.

Basile, D. y Linne, J. (2014). "Performances de autopresentación a través de fotografías digitales. El caso de los adolescentes de sectores populares en Facebook". *Cuadernos.info*, 35, 209-217. doi: 10.7764/cdi.35.536.

CAMPOS, Ricardo. "A pixelização dos muros: graffiti urbano, tecnologias digitais e cultura visual contemporânea". *Revista FAMECOS,* Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 543-566, maio/ago. 2012.

CANCLINI, Garcia Néstor. **Leitores**, espectadores e internautas. Tradução Ana Goldberger. São Paulo : Iluminuras, ***2008***.

CANEVACCI, Massimo. *A Comunicação entre corpos e metrópoles*. Revista Signos do Consumo – V.1, N.1, 2009. p. 8–20.

FONTCUBERTA, Joan. *La danza de los espejos:* indentidad y flujos fotográficos en internet. 2010. Disponível em: http://acvic.org/images/AC_premsa/2011/estado%20mental_article%20fontcuberta.pdf Acessado em 27 jun 2014.

MORDUCHOWICZ, Roxana. *La generación Multimedia:* Significados y prácticas culturales de los jóvenes. 1ª ed. – Buenos Aires: Padiós, 2008.

PRENSKY, Marc. "Digital native, digital immigrant". *On the Horizon,* NBC University Press, v.9, n.5, out. 2001, p.1-3.

SIBILIA, Paula. *O show do eu:* a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

_____. *Redes ou paredes:* a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, Publicações Dom Quixote 1981.

VARGAS, Juliana Ribeiro de. *O que ouço me conduz e me produz?* A constituição de feminilidades de jovens contemporâneas no espaço escolar da periferia 2015. 194f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2015.

Rosana Fachel de Medeiros
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professora da Rede Municipal de Ensino em Canoas – RS.